



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 07

O NASCIMENTO DE JESUSⁱ

Texto-base: Mt 1.18-2.12

Quem poderia conceber que o Eterno deveria nascer? Que aquele que troveja nos céus deveria chorar em um berço? Que aquele que governa as estrelas deveria amamentar no peito? Que o Príncipe da Vida deveria morrer? Que o Senhor da Glória deveria ser envergonhado? E que o pecado deveria ser punido completamente, mas perdoado completamente?

(Thomas Watson)

As narrativas de Mateus e de Lucas das circunstâncias que envolvem o nascimento de Jesus são bem conhecidas de todos nós. Principalmente na época natalina ouvimos sermões, assistimos a encenações teatrais e cantatas musicais e vemos representações as mais diversas da manjedoura. Aqui iremos não propriamente repassar a narrativa dos acontecimentos em torno da anunciação, concepção e nascimento de Jesus, mas tentar extrair algumas preciosas lições desses fatos. Além do texto-base acima referido, é importante ler também a narrativa presente em Lucas 1.26-56 e 2.1-20.

Primeiro, observamos que o nascimento do Messias é apresentado como uma combinação assombrosa do extraordinário, mesmo do milagroso, junto com o humilde e o singelo, até mesmo do cruel e do macabro. Por um lado, a própria concepção deve tudo à intervenção sobrenatural de Deus, e em cada estágio o Filho de Deus é protegido pela iniciativa e pela direção especial de Deus (afinal de contas, a orientação por meio de anjos aparecendo em sonhos é um tanto rara no Novo Testamento, mas ocorre cinco vezes apenas nos dois primeiros capítulos de Mateus!). Essa criança era especial, o cumprimento das promessas do Velho Testamento, o Salvador de Seu povo, vindo à terra com uma missão divina.

Mas, por outro lado, Ele nasceu num lugar humilde e foi forçado a fugir de Sua própria terra natal; ou seja, Jesus foi um refugiado (certamente os presentes dos magos – que, ao invés do que costumamos ver nas representações natalinas, não visitaram Jesus na manjedoura –, ouros e resinas preciosas de árvores raras, podem ter ajudado a pagar parte das despesas da família na viagem e na residência temporária no Egito). E seu nascimento precipitou o assassinato selvagem de outros meninos; e Seus pais foram finalmente forçados a fixarem residência na desprezada Galileia.

O acontecimento que dividiu a história e até os nossos calendários em duas partes talvez tenha tido mais testemunhas animais do que humanas... tão silenciosamente o maravilhoso dom foi dado! Por um instante, o céu ficou iluminado com os anjos, mas quem viu o espetáculo? Serviçais analfabetos que vigiavam rebanhos alheios, “joões-ninguém” que não deixaram seus nomes, mas que seviram como testemunhas representativas da humanidade (“vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo...” Lc 2.10). Os pastores tinham uma reputação tão ruim que os judeus “decentes” faziam deles um só pacote junto com os ímpios, restringindo-os aos pátios externos do templo. Nada mais adequado do que Deus escolher a eles para ajudar a celebrar o nascimento daquele que viria a ser conhecido como amigo dos pecadores!

Os acontecimentos do Natal apontam inevitavelmente para um aparente paradoxo: um Deus humilde. O Deus que veio á terra não veio num redemoinho arrasador, nem num fogo devorador. O Criador de todas as coisas encolheu-se além da imaginação, tanto, tanto, tanto, que se tornou um óvulo, um simples ovo fertilizado, praticamente invisível no início, dentro de uma irrequieta jovem. ‘Aimensidão enclausurada em teu amado ventre’, maravilhou-se o poeta John Donne, ecoando o pensamento de Paulo de que Ele ‘a si mesmo se esvaziou’. O Deus que trovejava, que podia movimentar exércitos e impérios como peões num tabuleiro de xadrez, esse mesmo Deus apareceu na Palestina como um neném que não podia falar, nem comer alimento sólido, nem controlar a bexiga, que dependia de uma jovem para receber abrigo, alimento e amor.

Segundo, os relatos mostram um evidente contraste entre o entusiasmo dos magos gentios e a recepção concedida a Jesus por Seus semelhantes judeus e pelo monarca Herodes. Os líderes religiosos foram capazes de fornecer a resposta exata sobre o lugar do nascimento do Messias prometido (cf. Mt 2.3-6), mas estavam mais preocupados em acalmar Herodes e manter a paz política do que em averiguar por si mesmos a veracidade do que os magos afirmaram. A alegação dos magos de que o Rei prometido dos judeus tinha nascido deveria ter interessado mais aos religiosos judeus do que aos magos...

As autoridades religiosas tinham um conhecimento preciso das Escrituras, mas não tiveram coração para buscar o tipo de Messias que estava escondido numa vila. Em contraste, os magos vieram de uma distância considerável e iniciaram sua busca a partir de premissas duvidosas e informações parciais; porém eles encontraram o Salvador, ofereceram seus presentes, e O veneraram. Mateus percebeu que os magos adoraram melhor do que sabiam, de modo que se juntaram às mulheres gentias que fizeram parte da linhagem do Messias, prevendo o tempo em que este Messias iria comandar Seus seguidores a fazerem discípulos de todas as nações.

Aplicação / perguntas para discussão:

- ✓ Observe como Jesus foi um “homem de dores” desde a mais tenra infância. As tribulações e a rejeição vinham ao seu encontro, desde que Ele entrou neste mundo. Sua vida correu perigo devido ao medo e à ira de Herodes. José e Maria tiveram de leva-LO para bem longe, à noite. Porém esse fato serviu de tipo e figura simbólica de toda a experiência de Jesus neste mundo. As ondas da humilhação e da perseguição começaram a bater contra Ele desde quando era apenas um neném que se amamentava. O Senhor Jesus é precisamente o Salvador de que necessitam aqueles que padecem e vivem na tristeza. Ele sabe muito bem o que queremos dizer quando Lhe contamos, em oração, as nossas tribulações. Ele tem grande experiência pessoal com as aflições.
- ✓ Mateus (2.16-18) relata a matança dos meninos em Belém e arredores citando o fato como cumprimento de uma profecia de Jeremias. Aqui, a injustiça lembra o sofrimento de dias passados, conforme expresso em Jr 31.15, em que se descreve a matriarca da nação, Raquel, que chora por seus filhos quando vê Israel e Judá irem para o cativeiro. Como nos dias do exílio, a nação sofre nas mãos daqueles que não confiam em Deus. O que é interessante é que, em Jeremias, logo após o verso que Mateus cita, vem a promessa de que o choro cessará porque o povo voltará da terra do inimigo, por isso “há esperança para o seu futuro” (Jr 31.16,17). Assim, esses eventos, por mais terríveis que sejam, e o sofrimento, por mais injusto que seja, também indicam um padrão para uma sequência que dá oportunidade para a esperança após o sofrimento. A dor vem junto com o dom da salvação. Observe que esse padrão de sofrimento seguido de esperança também está presente no final do evangelho de Mateus.
- ✓ No anúncio feito pelos anjos aos pastores foi dito: “vos nasceu hoje o *Salvador*, que é *Cristo*, o *Senhor*” (Lc 2.11). Foram revelados nessa frase três títulos para Jesus. Pense sobre o significado de cada um desses títulos e como eles foram apresentados no contexto dos acontecimentos descritos nos primeiros capítulos de Mateus e de Lucas (a descrição de Jesus como Salvador é registrada em Lc 1.68,69,78,79; como Cristo em Lc 1.31-33 e em Mt 2.2,6,11,15; como Senhor em Mt 1.16,17 e em Lc 1.43,76). Lembrar também que o próprio nome *Jesus* (equivalente grego de Josué) significa *Jeová (o Senhor) é salvação* ou *Jeová salva* (cf. Mt 1.21).

ⁱ Esta lição é baseada nos livros: **O Jesus que eu nunca conheci**, de Philip Yancey (Editora Vida); **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); **Meditações no evangelho de Mateus**, de J. C. Ryle (Editora Fiel); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).